

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**

**Bolsonarismo e o conceito freudiano de “massa”:  
um estudo da depredação das sedes dos Três Poderes  
em 8 de janeiro de 2023**

**São Carlos  
2023**

RENATO PEREIRA BOAVENTURA

**Bolsonarismo e o conceito freudiano de “massa”:  
um estudo da depredação das sedes dos Três Poderes em 8 de janeiro de 2023**

Monografia apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais com ênfase em Sociologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Samira F. Marzochi.

São Carlos  
2023

## RESUMO

Muitas imagens e vídeos foram publicados, logo após o anúncio da vitória de Lula nas eleições de 2022 e durante a sua posse, de milhares de eleitores de Bolsonaro tendo atitudes das mais variadas: juntos rezando em volta de um pneu, um outro grudado em um caminhão enquanto este estava em movimento, outra gritando sem parar dentro de sua casa, etc., as reações aos eventos foram múltiplas, principalmente se levarmos em consideração a expectativa criada para esses eleitores sobre as fraudes nas urnas, as famosas “72 horas” de espera e o exército que se preparava para impedir o “golpe comunista de Lula”, além do evento final que foi a invasão do Planalto, Congresso e STF no dia 08/01/2023; todas essas afirmações podem causar espanto para aqueles que a lêem, mas é possível afirmar que existem pistas para entender esses acontecimentos.

Este trabalho busca entender, portanto, quais foram as razões que culminaram na invasão do Palácio do Planalto no dia 08/01/2023 a partir do prisma oferecido pelo livro *Psicologia de massas e análise do Eu*, escrito por Freud, tomando como hipótese a interpretação de que os sujeitos participantes da invasão podem configurar uma massa no sentido freudiano e, para confirmar tal hipótese, o trabalho se estrutura de maneira a buscar, através de etnografias feitas por outros pesquisadores: 1) quais foram os eventos e processos que levaram as pessoas a ver Bolsonaro como um líder digno de ser seguido; 2) o que pensavam essas pessoas e quais problemas elas enxergavam na sociedade, tomando Bolsonaro como a solução para elas e por que ele; 3) a partir da base fornecida por essas duas questões, como a coletividade dessas pessoas configura uma “massa” no sentido freudiano, desembocando nos eventos do dia 08/01/2023. Sobre as etnografias, realizadas por outros pesquisadores, foram escolhidas aquelas que mostravam a percepção de mundo dos eleitores bolsonaristas, assim como os atores e processos envolvidos na construção dessa percepção, disseminada através das redes sociais para, tomando-as como base, buscar responder se as características encontradas entre os ativistas configuram a massa freudiana.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. METODOLOGIA.....	5
3. CENAS DA INVASÃO.....	6
4. DO CONCEITO FREUDIANO DE “MASSA”.....	8
5. ANÁLISES ETNOGRÁFICAS E OUTROS ESTUDOS SOBRE O BOLSONARISMO.....	23
6. CONCLUSÃO.....	34
7. BIBLIOGRAFIA.....	39

## 1. Introdução

Recentemente, no dia 02/07/2023, a Folha publicou em seu site<sup>1</sup> uma notícia na qual relata depoimentos dos invasores das sedes dos Três Poderes e suas justificativas para tais atos. De maneira geral, acreditavam que seus atos estavam ligados com a própria salvação divina e que subiriam ao céu, caso conseguissem impedir que o Governo Lula seguisse adiante e caberia a eles invadir os prédios para “esperar até os militares chegarem para uma intervenção militar”. Alguns depoimentos, entretanto, aprofundam as motivações: vários afirmaram acreditar que Lula iria fechar as igrejas e, por conta disso, “quando Jesus voltasse”, ascenderiam ao céu por “lutar contra o Governo Lula”. Uma das depoentes afirmava lutar para “tentar salvar o Brasil de um governo que quer acabar com a família, pela proteção das gerações futuras, pela manutenção das igrejas, para proteger seus filhos e netos, para impedir que mulheres e crianças se tornem escravas sexuais”; um segundo depoente, vindo de uma pequena cidade do Piauí para Brasília em busca de trabalho como servente de pedreiro, “foi aconselhado por irmãos da Assembléia de Deus do Guará para participar do movimento golpistas [sic] em frente ao QG do Exército”, acreditando que seria um movimento pacífico, porém tendo como objetivo a derrubada do Governo Lula para, assim, “subir ao céu”. Um terceiro depoente levou um riscador de fórmica para “caso fossem atacados por petistas, integrantes do MST e outros que pudessem atacá-los” e relatou que o objetivo da invasão seria “a decretação de uma operação de Garantia da Lei e da Ordem, para que os militares aplicassem um golpe (...) fazendo uma limpeza geral nos Três Poderes (...)” e “(...) que não se arrepende de ter participado do movimento, pois estava lutando por seu país”.

Podemos notar a partir desses depoimentos como as *fake news* impactaram diretamente várias pessoas e a sua percepção da realidade, levando-as a cometer crimes que muito provavelmente não seriam capazes de cometer, ou nem mesmo pensar nos termos descritos acima, sem esse tipo de influência; pessoas das mais variadas origens, alguns de SC, outros de PI, foram influenciadas a sair de suas casas, recebendo alimentação e transporte gratuitos para participar das invasões com a perspectiva de que participavam de uma cruzada moral contra o mal,

---

<sup>1</sup> Golpe militar evitaria comunismo, escravidão sexual e daria salvação espiritual, dizem presos no 8/1. Folha de São Paulo, São Paulo, 2 de jul. de 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/07/golpe-militar-evitaria-comunismo-escravidao-sexual-e-daria-salvacao-espiritual-dizem-presos-no-81.shtml>>. Acesso em: 16 de jul. de 2023.

encarnado em Lula, petistas de forma geral, o STF, entre outras figuras. Nota-se, portanto, como foi criada uma percepção muito particular sobre os eventos recentes no Brasil a ponto de, pela primeira vez na história brasileira, ocorrer um evento como a invasão das sedes dos Três Poderes, na qual os prédios públicos foram depredados, causando um prejuízo de mais de 20 milhões de reais aos cofres públicos<sup>2</sup>.

Portanto, este trabalho procura entender o que explica essa invasão, como os participantes de tal invasão vieram a se identificar com Bolsonaro e o bolsonarismo, quais foram as motivações que levaram as pessoas a agir de maneira tão extremada, assim como entender o processo através do qual houve a implantação nessas pessoas de determinada percepção da realidade a partir do conceito de massa freudiano, combinado com estudos etnográficos a fim de captar a percepção de mundo mencionada anteriormente e trabalhamos com a hipótese de que o bolsonarismo pode ser caracterizado como uma massa no sentido freudiano.

## **2. Metodologia**

Como dito na introdução, por trabalharmos com a hipótese de que o bolsonarismo pode ser caracterizado como uma massa no sentido freudiano, o caminho pelo qual percorrerá este trabalho é influenciado pelo texto "*Psicologia das massas e análise do Eu*", no qual, resumidamente, conclui-se que há uma importante figura tomada como o líder da massa e, a partir desse líder que atrai cada indivíduo para participar da massa, também torna-se a figura que a mantém unida e coesão; sendo assim, o caminho percorrido será, no capítulo quatro, estabelecer o que é a massa no sentido freudiano e a ligação de tal conceito com outros dentro da psicanálise, buscando entender e explicar a formação de massas e como ela se porta; em um segundo momento, no capítulo 5, buscaremos entender o que pensam os bolsonaristas e quais são, de acordo com eles, os principais problemas sofridos pela sociedade brasileira a partir de uma pesquisa cujo objetivo foi entender quais eram os perfis possíveis dentro do bolsonarismo; já no terceiro momento, capítulo 6, será buscado entender como os problemas descritos pelos bolsonaristas no capítulo 5 encontram, em Bolsonaro, a sua solução, além de

---

<sup>2</sup> STF, Planalto e Congresso têm prejuízo de pelo menos R\$20 milhões com 8/1. Folha de São Paulo, São Paulo, 4 de jul. de 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/07/stf-planalto-e-congresso-tem-prejuizo-de-pelo-menos-r-20-milhoes-com-81.shtm>>. Acesso em 17 de jul. de 2023.

entender o processo através do qual isso foi possível. Portanto, a escolha dos textos e sua ordem de apresentação neste trabalho é derivada da leitura freudiana de massa em que o líder possui extrema relevância para sua formação; entender quais temas são vistos como problemas pela população e qual é a solução ou, no caso, quem pode solucionar isso, são de importância fundamental para os propósitos deste trabalho.

Entretanto, recuando um pouco, é necessária uma descrição do que ocorreu no dia 08/01/2023, feita no capítulo 3, evento tomado como ponto final deste processo por levar a mentalidade do grupo às últimas consequências: uma invasão com a expectativa de golpe por parte dos militares.

### **3. A invasão das sedes**

Na última semana de dezembro de 2022, dia 29, dois meses após as eleições para presidente em que Lula venceria Bolsonaro, o Exército anunciava que não iria desmobilizar os acampamentos montados em frente ao Quartel-General de Brasília, com receio de que tal operação fosse trazer danos aos envolvidos, zelando pela sua segurança<sup>3</sup>; tal comunicado veio após uma tentativa por parte do DF Legal, órgão do Distrito Federal que impede invasões aos prédios públicos, de averiguar as instalações feitas no acampamento, que resultou em confronto com os manifestantes, alegando perseguição. Entretanto, o que se deixa de dizer nessa notícia é o fato de que tais acampamentos vinham cultivando esperanças de que o Exército iria dar um golpe, mantendo Bolsonaro na presidência em vez de reconhecer a vitória de Lula, que ainda seria empossado. Durante toda a última semana de 2022, a esperança desse golpe foi cultivada pelas redes sociais e, a partir de qualquer gesto por parte de Bolsonaro e seus filhos, várias interpretações surgiam a fim de tirar de tal atitude um significado escondido, como o exemplo da live no dia 30, em que afirmava ter, nas entrelinhas, tentado tudo o que podia para se manter na Presidência<sup>4</sup>, como a tentativa de angariar apoio dos três

---

<sup>3</sup> Exército decidiu suspender operação para desmobilizar acampamento bolsonarista em frente ao QG em Brasília. O Globo, Brasília, 29 de dezembro de 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/12/29/exercito-decidiu-suspender-operacao-para-desmobilizar-acampamento-bolsonarista-em-frente-ao-qg-diz-gdf.ghtml>>. Acesso em: 17 de jul. de 2023.

<sup>4</sup> A mensagem cheia de nuances de Bolsonaro a manifestantes nos quartéis. Metrôpoles, 30 de dezembro de 2022. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/colunas/paulo-cappelli/a-mensagem-cheia-de-nuances-de-bolsonaro-a-manifestantes-nos-quarteis>>. Acesso em: 17 de jul. de 2023.

comandantes das Forças Armadas<sup>5</sup> e apoio do presidente de seu partido, Valdemar Costa Pinto do PL, alegando que Alexandre de Moraes teria interferido no resultado da eleição<sup>6</sup>. Com essa sequência de eventos, os manifestantes imaginavam ter apoio do Exército, afinal não houve a desmobilização dos acampamentos, assim como interpretaram, a partir das palavras de Bolsonaro, que um golpe era desejado e foi tentado, porém faltou apoio para seguir em frente<sup>7</sup>.

Apesar do número de manifestantes, à época, vir diminuindo<sup>8</sup>, percebe-se neles o crescimento na expectativa de alguma atitude por parte, tanto de Bolsonaro, quanto do Exército, de responder aos acenos que vinham fazendo nos últimos meses que, no entanto, não aconteceram. Entretanto, no primeiro domingo após a posse de Lula, milhares de pessoas invadiram as sedes dos Três Poderes: Palácio do Planalto, Congresso e o Supremo Tribunal Federal. O número de manifestantes na frente dos quartéis que vinha minguando durante as últimas semanas teve uma mudança no início daqueles final de semana: mais de cem ônibus chegaram em Brasília, trazendo cerca de quatro mil pessoas para os acampamentos<sup>9</sup>. Saindo do local do acampamento, em frente ao Quartel-General do Exército, foram andando até a Praça dos Três Poderes, momento em que a invasão de fato começa. Em todos os prédios houve depredação, cadeiras arrancadas do chão, carpetes e tapetes rasgados, documentos retirados de seus lugares e molhados, vidraças quebradas, armas e munições dos seguranças da presidência foram roubadas, assim como outros itens de valor muito maior: uma pintura de Di Cavalcanti foi

---

<sup>5</sup> A disposição dos 3 comandantes das Forças para o que Bolsonaro almeja. Metrôpoles, 25 de dezembro de 2022. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/colunas/paulo-cappelli/a-disposicao-dos-3-comandantes-das-forcas-para-o-que-bolsonaro-almeja>>. Acesso em: 16 de jul. de 2023.

<sup>6</sup> Valdemar resiste a contestar diploma de Lula; Bolsonaro cogita plano B. Metrôpoles, 14 de dezembro de 2022. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/colunas/paulo-cappelli/valdemar-resiste-a-contestar-diploma-de-lula-bolsonaro-cogita-plano-b>>. Acesso em: 16 de jul. de 2023.

<sup>7</sup> Na véspera de posse, acampados em frente ao QG mantinham fé num golpe. UOL, Brasília, 31 de dezembro de 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/12/31/acampados-em-brasilia-vivem-clima-de-perseguido-e-nao-desistiram-do-golpe.htm>>. Acesso em: 16 de jul. de 2023.

<sup>8</sup> Manifestantes estão deixando acampamento em Brasília, diz Exército. Poder 360, 28 de dezembro de 2022. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/brasil/manifestantes-estao-deixando-qg-em-brasilia-diz-exercito/>>. Acesso em: 17 de jul. de 2023.

<sup>9</sup> Terrorismo em Brasília: o dia em que bolsonaristas criminosos depredaram Planalto, Congresso e STF. O Globo, Brasília, 8 de janeiro de 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/01/08/o-dia-em-que-bolsonaristas-invadiram-o-congresso-o-planalto-e-o-stf-como-isso-aconteceu-e-quais-as-consequencias.ghtml#2>>. Acesso em: 17 de jul. de 2023.

esfaqueada, um relógio do século XVII, trazido por D. João VI; os danos foram tremendos, totalizando um valor maior que 20 milhões de reais<sup>10</sup>.

A polícia, por sua vez, recebeu críticas pela sua cumplicidade com os atos que foram convocados publicamente durante semanas (com promessas inclusive de alimentação e transporte grátis), há gravações em que policiais conversam com os bolsonaristas enquanto invadem o Congresso<sup>11</sup>; entretanto, para retirar os invasores dos locais, a PM convocou um maior efetivo e, utilizando-se de gás lacrimogêneo e bombas, além de convocar a Tropa de Choque.

Portanto, como podemos notar a partir das notícias, a invasão foi uma ação planejada com antecedência, com capital o suficiente para manter pessoas alimentadas e ter seu transporte garantido, assim como houve displicência por parte dos policiais que, ou participaram da invasão, ou fingiram que não sabiam das convocações por parte dos invasores, demonstrando toda uma rede de apoio que vai muito além daqueles que invadiram os prédios públicos.

#### **4. Do conceito freudiano de massa: Psicologia das massas e análise do Eu**

Antes da exposição sobre o que seria a massa, sua formação e como ela se mantém coesa a partir da psicanálise, cabe aqui o aprofundamento de alguns conceitos, adaptando sua exposição aos propósitos do trabalho, que são necessários para seu entendimento pleno a partir do livro selecionado, a saber, o ideal de Eu, a identificação, o Complexo de Édipo, narcisismo, hipnose e enamoramento.

A começar pelo narcisismo e, de acordo com o dicionário de psicanálise escrito por Elisabeth Roudinesco, este seria dividido em dois tipos: o primário e o secundário, correspondentes ao momento da vida em que o indivíduo está; o primário seria o tipo de narcisismo encontrado na criança, caracterizando uma etapa em que ela mesma é o objeto de amor, em detrimento de qualquer outro objeto

---

<sup>10</sup> STF, Planalto e Congresso têm prejuízo de pelo menos R\$20 milhões com 8/1. Folha de São Paulo, São Paulo, 4 de jul. de 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/07/stf-planalto-e-congresso-tem-prejuizo-de-pelo-menos-20-milhoes-com-81.shtml>>. Acesso em 17 de jul. de 2023.

<sup>11</sup> Terrorismo em Brasília: o dia em que bolsonaristas criminosos depredaram Planalto, Congresso e STF. O Globo, Brasília, 8 de janeiro de 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/01/08/o-dia-em-que-bolsonaristas-invadiram-o-congresso-o-planalto-e-o-stf-como-isso-aconteceu-e-quais-as-consequencias.ghtml#2>>. Acesso em: 17 de jul. de 2023.

externo, gerando assim uma distinção entre libido do eu e libido de objeto, ambas funcionando como uma gangorra, em que uma delas se sobressai a outra, não sendo possível ambas coexistirem na mesma proporção. Com isso, o exagero da libido de objeto configura o enamoramento e, ao contrário, o exagero da libido do eu se torna a *“fantasia do fim do mundo no paranóico”* (Roudinesco, 1998, p. 531), completamente absorto dentro de si mesmo e em seu mundo. O narcisismo primário seria a etapa na qual o Eu e o Id (o inconsciente) ainda são indiferenciados, uma etapa antes da constituição do Eu, em que se percebe ser uma pessoa “única”, capaz de se reconhecer e separada dos outros indivíduos. O narcisismo secundário ou narcisismo do Eu seria já em uma etapa da vida posterior, em que o investimento no Eu do indivíduo coexiste com o investimento de objetos, havendo um equilíbrio entre ambos, constituindo a partir disso o que viria a ser o Ideal do Eu (Ibid., p. 532).

O Ideal do Eu surgiria depois do narcisismo primário, no qual a criança *“era seu próprio ideal”* (Ibid., p. 362), essa renúncia permite que ela observe outros e os tome como seu próprio ideal. Essa instância seria *“o modelo de referência do Eu, simultaneamente substituto do narcisismo perdido da infância e produto da identificação com as figuras parentais e seus substitutos sociais”* (Ibid., p. 362); também é responsável pelas funções de auto-observação, censura e/ou consciência moral, assim como é a instância responsável pelo recalque, por exemplo, quando se sabe que um desejo não pode ser realizado por ser pecado ou até mesmo o Eu não aceitar tal desejo por qualquer motivo, a relação entre homossexualidade recalçada e homofobia, como um segundo exemplo.

Seguindo-se à exposição dos conceitos fundamentais para o entendimento do texto, o Complexo de Édipo *“é a representação inconsciente pela qual se exprime o desejo sexual ou amoroso da criança pelo genitor do sexo oposto e sua hostilidade para com o genitor do mesmo sexo.”* (Ibid., p. 166), embora tenha sido revisto por outros psicanalistas posteriormente, especialmente Klein e Lacan, até o final da vida de Freud, entretanto, o complexo teve um “lugar soberano” (Ibid., p. 166) na teoria psicanalítica. Voltando, essa fase começa aos 2-3 anos de idade e finda com o complexo de castração, no qual a criança percebe que seu desejo pelo genitor não pode ser realizado, procura novos objetos e também se identifica com aquele genitor que foi alvo de rivalidade no primeiro momento (Ibid., p. 168).

A identificação, por sua vez, é *“a expressão primária de uma ligação afetiva com outras pessoa”* (Freud, 2020, p. 178) e seu processo, no desenvolvimento dos

indivíduos, é derivado da constituição do Ideal do Eu, a partir do qual o indivíduo se constitui e se modifica em relação à alguém, se apropriando ou tomando parte das características desse alguém e, a partir disso a criança, quer ser como esse modelo pois se identifica com ela de alguma forma, coloca-a como o seu Ideal do Eu e tem seu comportamento referenciado a partir desse modelo, enriquecendo-se com as características dessa pessoa.

A partir desses conceitos, faz-se necessária a exposição do enamoramento, processo no qual há um investimento de libido em algum objeto para a satisfação sexual, entretanto, é através do comportamento não sexual que se mede o nível do enamoramento: a ternura e o cuidado com o outro, o objeto, por exemplo. Porém, há a possibilidade de surgir a supervalorização sexual desse objeto, que coloca-se no lugar do Ideal do Eu e, por sua vez, também consome o eu, ou seja, o objeto se torna cada vez mais valioso e o Eu, tomado de humildade, se diminui perante o objeto grandioso, gerando o autossacrifício em detrimento do objeto, assim como o objeto se torna imune a críticas, é perfeito; este passa a ser amado pelas *“perfeições que se almeja para o próprio Eu e as quais agora se gostaria de obter, por esse desvio, para a satisfação do seu narcisismo”* (Freud, 2020, p. 188) e, com relação à identificação que enriquece o Eu com as características da pessoa-modelo, no enamoramento junto com a idealização do objeto, o Eu superinveste no objeto às suas custas. (Laplanche, 2000, p. 225-227; Roudinesco, 1998, p. 364; Freud, 2020, p. 185-192) Outro processo correlato é a hipnose, que seria uma *“formação de massa a dois”* (Freud, 2020, p. 190), já que ela isola um único objeto, o hipnotizador, transformando todo o mundo do hipnotizado nessa pessoa, forçando o Eu a vivenciar oniricamente tudo aquilo que lhe for dito, substituindo portanto a figura do Ideal do Eu sem que o hipnotizado perceba e agindo de acordo com o que o outro manda, constituindo e isolando dessa maneira a característica principal da formação de massas e sua ligação com o líder.

Essas distinções se tornam relevantes pois são, através de seu conjunto, a explicação de como cada indivíduo se relaciona com a figura do líder, que será explicitada a seguir e, como a teoria freudiana será a base da análise a partir da qual observaremos o bolsonarismo com o auxílio de textos etnográficos, utilizaremos principalmente o texto *Psicologia de massas e análise do Eu* escrito em 1921, cujo enfoque na formação de grupos, ligação entre os membros de um mesmo grupo e também com seu líder, será de suma importância para entendermos o que motiva os

indivíduos a se juntarem e agirem de determinada forma, tendo no horizonte dessa ação, a invasão dos prédios públicos em Brasília no dia 08/01/2023.

O motivo da escolha deste texto reside na interpretação psicológica a partir do coletivo, não do indivíduo isolado, nas palavras do próprio autor:

“A psicologia das massas trata, portanto, do ser humano individual enquanto membro de uma linhagem, de um povo, de uma casta, de uma classe, de uma instituição, ou enquanto parte de uma multidão que se organiza como massa durante um certo tempo e para um fim determinado.”  
(FREUD, 2020, p. 138)

Sendo assim, as relações mantidas por um determinado indivíduo são de suma importância para a sua relação com o mundo que o cerca porém, o que justifica e explica o porque dos indivíduos se juntarem é uma das perguntas que o texto de Freud se propõe a explicar, a partir da teoria psicanalítica, colocando-se contrário à outros três autores, a saber, Gustave Le Bon, William McDougall e Gabriel Tarde, com os quais serão debatidas a formação de massas, o que une esse conjunto de pessoas e como se explica essa ligação.

Como ponto de partida, Freud afirma não existir uma pulsão social originária, *herd instinct* ou *group mind* intrínseco ao ser humano, mas que este é desenvolvido durante a vida familiar do indivíduo, sendo então a família o primeiro grupo dos quais os indivíduos pertencem e cuja influência será primordial durante toda a sua vida (FREUD, p. 139). Mas tal afirmação já constitui a primeira discordância com um dos autores mencionados anteriormente: Gustave Le Bon; seu livro “*Psicologia das multidões*” descreve o que seria a alma da massa, que independente dos indivíduos que a compõe, esta é uma entidade *sui generis* que molda as ideias e os sentimentos daqueles que fazem parte dela, manifestando características que não mais condizem com as pessoas que a formam, suas individualidades são escamoteadas produzindo um caráter mediano e, ao mesmo tempo, novas características surgem como: a) o sentimento de invencibilidade derivado do grande número de pessoas que uma massa possui; b) o contágio que cada ato e cada sentimento da massa tem em potencial para liberar o indivíduo de suas próprias aspirações e interesses pessoais e colocá-la em primeiro lugar; e c) a sugestibilidade, fenômeno que permite a cada indivíduo dentro de uma massa por um determinado tempo a perder a sua personalidade consciente e tornar-se mais suscetível a obedecer todas as sugestões do operador, similar ao que ocorre

durante uma hipnotização, na qual o hipnotizado está fascinado pelo hipnotizador, tendo seus pensamentos e sentimentos determinados por este. Para Le Bon, a partir desses 3 fatores mencionados, o indivíduo na massa se torna um autômato cuja personalidade consciente desaparece, dando lugar a personalidade inconsciente, tendo seus atos e sentimentos sugeridos e contagiados pela massa; um indivíduo instruído dentro da massa se torna um ser instintivo, suscetível a rompantes de agressividade e violência, assim como de espontaneidade, tendo como resultado portanto o seu rebaixamento intelectual [sic] a partir do momento em que faz parte de uma massa. Além disso, seus impulsos são completamente emocionais e imperiosos, nada é premeditado, assim como não tolera adiamentos de seu desejo e a fruição daquilo que é desejado, a sensação de onipotência vem junto com a sua extraordinária influenciabilidade acrítica, a partir da qual nada é impossível e as ideias mais conflitantes podem coexistir sem problemas, sem que dessa contradição surja um conflito, pois pensam através de imagens que se ligam umas às outras sem serem filtradas pela racionalidade, sendo incapazes, portanto, de dúvida ou incerteza. Com seus sentimentos simples e exagerados chegam rapidamente a extremos e, aqueles que a quiserem influenciar, precisam apenas pintar as imagens mais fortes e repetí-las à exaustão. Devido a sua acriticidade, a massa respeita apenas a força, exigindo de seus heróis a força e a violência, tanto para seus ditos inimigos, quanto para si mesma: ela quer ser dominada e temer seu líder; sua aversão pelas inovações e tudo aquilo que é visto como contrário à tradição, tendo por esta um profundo respeito, evidencia seu caráter conservador. Entretanto, ainda por conta de ter suas emoções afloradas pela sugestibilidade, a massa também é capaz de atos de abnegação e devoção a um ideal, podendo-se falar de uma moralização do indivíduo a partir da massa (FREUD, 2020, p. 145-151). Ao finalizar essa descrição minuciosa da alma das massas a partir do livro de Le Bon, Freud pontua suas diferenças com o autor de *Psicologia das multidões*: para este, quando houver uma multidão de pessoas, elas formarão instintivamente uma massa tendo como líder o indivíduo com o maior prestígio, já para Freud, o papel do líder não foi tão bem desenvolvido quanto a descrição da alma das massas, porém voltaremos nesse ponto mais adiante.

O segundo texto com o qual Freud irá dialogar é “*A mente grupal*” de William McDougall, cujo problema principal é diferenciar os tipos de massa diferentes, o que seria a formada durante a Revolução Francesa, por exemplo, e as massas que

deram origem à linguagem, folclore, etc. A resposta para isso reside na forma organizacional de cada uma e o que une esse grupo de pessoas, o que os mantém juntos, tendo como resposta para isso a exigência de algo em comum entre os indivíduos, um interesse, uma afetividade, etc. Sendo assim, quanto mais fortes forem esses elementos em comum, maior seria a intensificação da afetividade e mais fácil será a formação de uma massa. McDougall também dialoga com Le Bon, buscando através da “intensificação dos afetos” justificar, por exemplo, a sensação de poder ilimitado da massa, o rebaixamento da inteligência no coletivo, o afloramento das emoções e a sua acriticidade.

Entretanto, ambos os textos possuem lacunas explicativas sobre diferentes aspectos: Le Bon não discorre muito sobre o papel do líder nas massas e baseia a explicação sobre o que liga os indivíduos uns aos outros através da sugestão, McDougall também incorre no mesmo erro e seu enfoque na afetividade, em última instância, acaba recaindo no conceito de sugestão, algo que Gabriel Tarde, o terceiro e último autor com o qual Freud irá debater, nomeia de imitação, mas fundamentalmente seria também o mesmo conceito da “sugestão” muito em voga no período. Freud critica esse conceito por ser, à época, usado de maneira muito ampla sem que se pudesse explicar o que seria a sugestão (FREUD, p. 161-162), preferindo então usar o arcabouço teórico provido pela psicanálise, especialmente o conceito de libido para explicar essa união entre as pessoas. A libido é um conceito advindo da doutrina da afetividade na psicanálise, uma energia que representa tudo aquilo que poderia ser chamado de Amor, tanto o amor romântico, quanto o amor próprio (narcísico), amor parental, entre irmãos ou até mesmo o amor a ideias e a pátria, que na psicanálise recebeu o nome de Eros. O autor nos diz que a investigação psicanalítica demonstrou que todos esses tipos de amor são derivados das mesmas moções pulsionais, que entre os sexos impeliria à união sexual, mas que em outras relações são afastadas dessa meta sexual, *“conservando sempre, no entanto, o suficiente de sua essência originária, para manter sua identidade reconhecível (sacrifício de si, anseio por aproximação)”* (FREUD, 2020, p. 163). Com o auxílio desse conceito para entender o que seria a ligação entre os indivíduos, o autor passa a buscar o porque dessa ligação ocorrer, tomando como exemplo as massas artificiais e duradouras (no caso a Igreja e o exército), descobrindo também o motivo pelo qual essas massas duram muito tempo e não se desfazem facilmente.

A resposta para isso se encontra no líder, no caso da Igreja, Cristo que ama cada indivíduo com amor igual e, com isso:

“Não há dúvida de que a ligação de cada indivíduo com Cristo é também a causa de sua ligação uns com os outros. O mesmo vale para o Exército; o general é o pai, que ama igualmente todos os seus soldados, e por isso são camaradas uns dos outros.” (FREUD, 2020, p. 166)

Outro indício dessa dupla ligação libidinal entre os membros da massa (ligação com o líder e ligação com seus “irmãos”), seria o pânico generalizado que ocorre nas massas militares: por mais que determinada companhia tenha enfrentado os maiores perigos com determinação e a sensação de invencibilidade descritas anteriormente, quando perde-se a ligação com seus companheiros ou com o líder, o pânico instaurado faz com que cada indivíduo preocupe-se apenas com si e, aquilo que antes foi enfrentado com coragem, agora se torna um obstáculo insuperável, ou seja, são as ligações libidinais que trazem a segurança para cada um dos indivíduos e, quando perdida, instaura-se o pânico pela vulnerabilidade do indivíduo isolado. Porém:

“O líder ou a ideia condutora poderiam também, por assim dizer, tornar-se negativos; o ódio contra uma determinada pessoa ou instituição poderia, da mesma forma, ter um efeito unificante e produzir ligações afetivas semelhantes, tal como a dependência positiva.” (FREUD, 2020, p. 173)

Somando-se a essa possibilidade dupla das ligações libidinais, a psicanálise afirma que toda ligação afetiva, seja com os pais, seja com cônjuge, etc., possui uma ambivalência, sedimentos de hostilidade e rejeição mesclados com amor, sendo a ligação libidinal como uma fita dupla face, que leva amor e hostilidade ao mesmo tempo. O que é interessante nessa afirmação é a suspensão dessa hostilidade durante a formação de uma massa, o igualamento dos indivíduos dentro da massa permite que haja uma suspensão do amor narcísico, fazendo com que cada um tolere o outro, não há repulsa, não há hostilidade. O amor narcísico encontra limites apenas no amor ao outro e essa limitação pode indicar que a formação de massas gera uma ligação libidinosa de um novo tipo: a identificação.

A identificação, em uma simplificação excessiva, poderia ser vista como a empatia, porém não só, ela é uma das primeiras ligações afetivas a se desenvolver, se mostrando já na etapa inicial do Complexo de Édipo, na qual a criança se identifica com algum dos pais, quer ser como esse parente, procurando adotar as suas características inconscientemente, enquanto quer ter o outro parente; isso até

o momento em que essa criança cresce e, a partir daí a identificação passa a se tornar fonte de hostilidade e competição pelo mesmo objeto, no caso, o parente que se quer ter, tendo portanto a ligação libidinal de objeto e dando um exemplo da ambivalência das ligações afetivas: aquela pessoa com a qual a criança se identificava e queria ser, se torna alguém com quem há competição pelo mesmo amor objetal. De acordo com a psicanálise, portanto, o que importa nessa questão é como essa ligação afetiva será desenvolvida em relação ao outro: se recai no sujeito do Eu ou no objeto do Eu. Tal questão se torna importante porque, nas palavras de Freud:

“(…) a identificação é a forma mais precoce e mais primordial da ligação afetiva; sob as circunstâncias da formação de sintoma, portanto, do recalçamento e da dominância dos mecanismos do inconsciente, sempre acontece de a escolha de objeto tornar-se identificação novamente, portanto, de o Eu tomar para si as características do objeto.” (FREUD, 2020, p. 180)

Voltando ao que foi dito sobre a empatia e ampliando o exemplo dado usando a esfera familiar, a identificação pode ser estabelecida com qualquer pessoa, desde que o Eu reconheça nessa outra pessoa o mesmo desejo, a mesma disposição afetiva ou, ao contrário, a mesma insatisfação pulsional, a mesma limitação imposta pelo mundo, ou seja, à maneira da formação dos grupos anteriormente mencionada, a face “negativa” das emoções, as frustrações, por exemplo, também podem ser a fonte da identificação com os outros. O Ideal do Eu é muito importante nesse momento, ele seria o resultado da interação da criança, enquanto ela vai crescendo, com o mundo que possui exigências, regras, jeitos certos de ser e fazer que nem sempre o Eu irá corresponder a elas, ou até mesmo concordar, gerando a frustração e os sintomas derivados dessa limitação pulsional que o mundo impõe ao Eu, porém que se mantém na psique de cada indivíduo como a instância limitadora, representante das exigências do mundo que foi internalizada em cada um através da dicotomia do certo e errado, desejável ou não desejável e, tudo aquilo que não for de acordo com essa noção de certo, é recalçado; todo esse processo, portanto, também pode ser uma das fontes da identificação e que será muito importante na análise que este trabalho se propõe fazer.

A partir do que já foi dito sobre a identificação, a relação das massas artificiais com o líder e a relação de cada indivíduo da massa com um outro igual, Freud caracteriza:

“Ao menos de uma massa como essa que consideramos até aqui, que, portanto, possui um líder e que não foi por excesso de “organização” que ela pôde adquirir secundariamente as propriedades de um indivíduo. Uma massa primária como essa é uma quantidade de indivíduos que colocaram um e o mesmo objeto no lugar de seu Ideal do Eu e, em consequência disso, identificaram-se uns com os outros em seu Eu.” (FREUD, 2020, p. 192)

Em outras palavras, aquela instância (Ideal do Eu) desenvolvida durante toda a vida de cada indivíduo em que o mundo expõe as suas exigências e limita suas ações, é modificada pela identificação com o líder, porém não só a relação com o líder é relevante na formação da massa, a relação dos indivíduos entre si também é. As características da alma da massa descrita por Le Bon são incorporadas por Freud, mas com o adendo de que tais características configuram “um quadro inequívoco de regressão da atividade anímica a uma fase anterior” (FREUD, 2020, p. 193); sendo assim, a personalidade de cada um se torna fraca demais para sobressair e se impor, o Ideal do Eu próprio se enfraquece, absorvendo um outro “jeito certo de agir e pensar” advindo da massa, agindo de maneira a confirmar e buscando essa confirmação, através de seus iguais, seus irmãos na massa, gerando portanto uma noção de comunidade, um espírito comunitário comum a todos que participam daquela massa e cuja visão de mundo é própria desse organismo, a validação dos comportamentos gira em torno das 2 ligações libidinais descritas acima: com seus iguais e com o líder. A partir dessa nova comunidade, a relação dos indivíduos entre si se baseia na igualdade e Freud a fundamenta, em um primeiro momento, na relação entre irmãos, em que o irmão mais velho deseja se livrar do mais novo e ter toda a atenção dos pais de volta para si, a inveja originária, e como a noção de justiça se desenvolve na escola, como o segundo exemplo, sendo exposta às várias outras crianças e exigindo o tratamento igual nessa coletividade, voltando ao que foi dito sobre as massas artificiais: Cristo que ama a todos igualmente e os cristãos unidos igualmente neste amor; eis aí, de acordo com o autor, a origem da consciência moral social e do sentimento de dever (FREUD, 2020, p. 198).

Tal igualdade, entretanto, é apenas entre os indivíduos e não afeta o líder, sendo essa diferença de suma importância para a caracterização psicanalítica da massa: o ser humano enquanto um animal de horda conduzido por um chefe. O horizonte dessa afirmação é o que foi suposto por Darwin como a forma originária

da sociedade humana, uma horda violenta dominada por um macho super forte, que deixou traços na história humana; as características anteriormente descritas, a saber, o desaparecimento da personalidade individual, rebaixamento intelectual, direcionamento coletivo e prevalência das emoções e desejos, além da necessidade de sua realização rápida, tudo isso configura uma volta à atividade anímica primitiva que seria justamente o traço deixado por esse passado remoto hipotetizado por Darwin, recalcado pelo desenvolvimento cultural posterior, mas que mantém a sua potencialidade no inconsciente de cada um. A noção de justiça mencionada anteriormente e pensada agora no contexto dessa hipótese de Freud influenciado por Darwin, seria originada da união dos irmãos dessa horda contra o pai todo poderoso, cujo poder foi origem de medo e limitações da massa em favor único e exclusivo deste pai. A partir dessa hipótese, o autor conclui:

“O caráter infamiliar, coercitivo, da formação de massas, que se manifesta em seus fenômenos de sugestão, pode, portanto, com razão, ser remontado à sua proveniência da horda originária. O líder da massa continua sendo o temido pai primevo, a massa continua querendo ser dominada por um poder irrestrito; em grau extremo, ela é ávida por autoridade; tem, segundo a expressão de Le Bon, sede de submissão. O pai primevo é o ideal da massa, que, no lugar do Ideal do Eu, domina o Eu.”  
(FREUD, 2020, p. 206)

Ou seja, a falta de explicação de como a sugestão funciona e qual é o mecanismo por trás da hipnose, além dos efeitos únicos de ambas sobre cada indivíduo, têm sua resolução a partir dessas afirmações, o suposto aparato psíquico herdado a partir da horda primitiva as explica, além da relação com o líder da massa e as figuras que a ela se assemelham. A substituição do próprio Ideal do Eu pelo ideal da massa incorporado no líder, muitas vezes só necessita que ele, o líder, possua:

“as características típicas desses indivíduos, destacadas de maneira particularmente nítida e pura, e dar a impressão de uma força e de uma liberdade libidinal maiores; assim, a necessidade de um chefe rigoroso vem ao seu encontro e o reveste do superpoder, ao qual, normalmente, talvez ele não tivesse nenhum direito. Os outros, cujo Ideal do Eu não teria normalmente se incorporado sem correção em sua pessoa, são depois arrastados “sugestivamente”, isto é, por identificação.” (FREUD, 2020, p. 208)

Findada a exposição do livro no qual há a apresentação do conceito de massa, traremos agora um outro texto de Freud de suma importância para complementar este primeiro. Em “*O mal-estar na civilização*”, Freud afirma que “*o que teve início com o pai se completa na massa*” (Freud, 2011, p. 79) e, em outro momento, “*nesse ponto os dois processos, o da evolução cultural da massa e o do indivíduo, estão colados um ao outro (...)*” (Ibid., p. 90), porém, qual é a ligação entre ambos os textos? Tomando como base o que já foi dito sobre a formação de massas no primeiro texto, o autor afirma:

“O Super-eu de uma época cultural tem origem semelhante ao de um indivíduo, baseia-se na impressão que grandes personalidades-líderes deixaram, homens de avassaladora energia espiritual, ou nos quais uma das tendências humanas achou a expressão mais forte e mais pura, e por isso também, com frequência, a mais unilateral. (...) Um outro ponto de concordância é que o Super-eu da cultura, exatamente como o do indivíduo, institui severas exigências ideais, cujo não cumprimento é punido mediante “angústia de consciência””. (Ibid., 89).

À maneira da criança que toma seus pais como exemplos e, a partir deles e sua própria relação com o mundo, desenvolve a consciência do que é certo ou errado, as sociedades estabeleceram essa mesma consciência como uma maneira de lidar com o que seria, para o autor, o maior inimigo da cultura: nosso pendor natural à agressividade. Aqui, entende-se por “cultura” toda produção humana de significado coletivo e/ou técnica desenvolvida como uma forma de vencer a natureza: por exemplo, tanto o desvio de um rio para a irrigação de plantações, a invenção da internet, assim como a simbologia e mistificação sobre a chuva que permite que tais plantações sejam bem sucedidas. Voltando ao fio central, tal agressividade teria sido também um dos motivos pelos quais os irmãos se juntaram para matar o pai na horda primeva, como descrito anteriormente, assim como foi o principal problema para toda a organização humana, que encontrou na “consciência de culpa” uma forma de controle de suas pulsões a fim de manter os grupos unidos, no caso da monogamia para evitar o conflito interno, ou direcionar as pulsões, a agressividade contra outros grupos, por exemplo; em outras palavras, a fim de aglutinar o maior número de pessoas possível para aumentar a segurança desse grupo contra o desamparo e/ou inimigos externos, cada indivíduo abre mão de sua felicidade (por conta do maior controle de suas pulsões) em troca da segurança trazida pelo número maior de pessoas dentro do grupo.

As duas citações de Freud trazidas logo no começo da exposição deste segundo texto referem-se justamente a esse processo de gênese do sentimento de culpa que seria resultado da cultura: o apreço à “ética” do grupo corresponde à permanência no grupo e, portanto, não ser expulso dele, o que levaria o indivíduo à situação de desamparo, sozinho contra vários grupos e a própria natureza. Com essa solução trazida pelas sociedades, o desenvolvimento da ética, a agressividade que antes seria utilizada contra objetos, instala-se no Ideal do Eu de cada indivíduo que ataca o próprio Eu quando este não age de acordo, ou simplesmente pensa em algo que não seria bem visto pela ética de determinada sociedade, ou seja, desloca a agressividade que seria utilizada para destruir o que visse pela frente em uma maneira de autopunição a fim de manter o indivíduo comportado sem perder o amor ou respeito de seus iguais, caindo no já mencionado desamparo. Esse movimento não é sem prejuízos para os indivíduos, voltando à frase dita anteriormente sobre a menor felicidade em troca de maior segurança, o sentimento de culpa é justamente o mal-estar produzido pelo pertencimento em alguma cultura que insere o indivíduo em um grupo e o protege de outros grupos ou a própria natureza, o preço que se paga para não ser desligado do grupo e aproveitar de seus benefícios, como a tecnologia. Sendo assim, Freud afirma:

“A liberdade individual não é um bem cultural. (...) Aquilo que numa comunidade humana se faz sentir como impulso à liberdade pode ser revolta contra uma injustiça presente, e assim tornar-se propício a uma maior evolução cultural, permanecendo compatível com a civilização. Mas também pode vir dos restos da personalidade original, não domada pela civilização, e desse modo tornar-se fundamento da hostilidade à civilização” (Ibid., p. 41).

A partir dessa citação e voltando um pouco na explicação, pode-se usar como exemplo de revolta contra uma injustiça o que foi suposto por Freud sobre o parricídio na horda primeva, o pai todo poderoso e violento, cujo assassinato pela junção dos filhos gerou culpa naqueles que dele participaram, desembocando no primeiro pacto da civilização ao eliminar a injustiça contra todos em prol de um indivíduo; em contrapartida, a liberdade individual que se revolta contra a cultura pode ser a limitação da liberdade e/ou fruição das pulsões de um indivíduo que, infeliz com essa mudança, revolta-se junto com seus irmãos em “infortúnio”, tomando um líder cujas características representam justamente aquilo que quer ser censurado ou abolido da sociedade a favor de um novo pacto cultural.

A formação de massas, portanto, faz parte dessa dinâmica humana de desenvolvimento de regras e limitações para a aglutinação de pessoas que, entretanto, possui um custo alto para a felicidade daqueles que dela participam, sendo as neuroses, por exemplo, patologias originadas da não fruição e/ou recalçamento das pulsões devido à modulação de cada indivíduo no que é esperado em sua sociedade, com a sua ética. Além disso, são fontes de identificação entre as pessoas já que, caso haja algum indivíduo cujas características valorizadas por determinada ética cultural sejam exacerbadas, que ele as expressa de maneira intensa e sirva de modelo, esta pessoa será tomada como o líder da massa e a direcionará na luta por novos pactos e novos rearranjos da economia das pulsões.

Findadas as exposições dos textos de Freud, voltemo-nos a suas diferentes apropriações por outros autores em momentos diferentes.

Uma dessas apropriações do conceito de massas, sua formação e características está presente no trabalho de Wilhelm Reich, de 1933, intitulado *“Psicologia de massas do fascismo”*, cujo objeto é a Alemanha Nazista procurando entender como a população alemã saiu da social-democracia representada pela República de Weimar, tendo também grandes parcelas da classe trabalhadora em partidos revolucionários comunistas. A modificação de Reich no conceito de massa e sua aplicação vêm da união entre psicanálise e marxismo, em que a relação entre a horda primeva e a tradição responde à ideologia dominante da época, ou seja, *“cada ordem social cria nas massas que a compõem as estruturas de que ela necessita para atingir seus objetivos fundamentais”* (Reich, 2015, p. 21) e, nesse sentido, caberia adicionar à repressão sexual uma função social no seio familiar que espraiava para toda a sociedade, cujo objetivo é produzir indivíduos medrosos, tímidos e submissos, causando um estancamento nas forças de rebeldia de cada um, transformando a representação do que seria a mudança e o novo em algo moralmente vil, gerando medo e repulsa da liberdade e, a partir dessa repressão, a busca por outros meios de satisfação, encontrando no militarismo alemão durante as guerras imperialistas a sua saída: *“o efeito sexual do uniforme, (...) o caráter exibicionista da parada militar (...)”* (Ibid., p. 29), assim como os cartazes publicitários em que representam *“mulheres exóticas [sic]”* (Ibid., p. 30), surtindo efeito nos recrutamentos devido a uma juventude sexualmente frustrada. A formação da massa, suas características e atitudes, portanto, não correspondem à filosofia da civilização ou a horda primeva simplesmente, encontradas em Freud,

mas sim às condições socioeconômicas da sociedade em que ela é observada, direcionada para fins também únicos à sociedade na qual ela está inserida (Ibid., p. 26), a exemplo da teoria da raça e o misticismo derivado desta, um “*sintoma do recalçamento sexual e medo da sexualidade*” (Ibid., p. 77), que encontra no antissemitismo um casamento perfeito para o reforço do autoritarismo e repressão sexual: é devido à libertinagem que o sangue ariano e, por consequência, a nação enfraquecem, precisando de um líder para reverter esse processo, justificando um genocídio em seu bojo.

Shimizu (2011), por sua vez, busca através da formação de massas uma explicação criminológica somada à psicanálise da solidariedade e gregarismo dentro das facções criminosas. De acordo com o autor, nota-se a partir da dinâmica dentro das cadeias brasileiras, a formação de uma revolta contra o “sistema” e uma necessidade de afirmação contra esse mesmo sistema: a prática da tortura contra os presos poderia ser lida como uma prática similar ao pai da horda primeva que busca castrar seus filhos da busca pela satisfação pulsional através da violência e, a partir disso, o fato de, no PCC, os indivíduos se chamarem uns aos outros como irmãos, seria um exemplo análogo ao que foi descrito por Freud (Shimizu, 2011, p. 169-172). Já no caso do Comando Vermelho, os títulos internos da facção são ligados à estrutura militar, revivendo certas formas de socialização que buscaram se opor em um primeiro momento, caindo naquilo que Freud já dizia sobre a falta de liberdade comum à psicologia grupal a partir do momento que um novo grupo com novas simbologias é criado (Ibid., p. 173). Sendo assim, o autor busca refazer, a partir do Estado Penal tomado como um agente traumatizador que força os indivíduos que por ele passam, voltem aos estágios anímicos de sua psique e atualizam a dinâmica de hordas descrita por Freud dentro das facções criminosas.

Em outro texto, Queiroga et al (2016) analisam a dinâmica de formação de grupos dentro do Facebook, dois anos antes da polêmica com a Cambridge Analytica e o Facebook com o uso dos dados para propaganda política. Sua análise volta-se para a “*estrutura das postagens dos sujeitos que participam das redes sociais*” (Queiroga et al, 2016, p. 112) e, com isso, o algoritmo do Facebook trataria de jogar o seu perfil para mais próximo de páginas e grupos específicos que seriam do interesse do usuário a partir dessas postagens e interações. Utilizando-se de um ocorrido em 2015 com a atriz Taís Araújo, vítima de racismo através de sua página no Facebook, as autoras demonstram como a formação de um grupo, somada com

a relativa distância e sensação de anonimato causada pelas redes sociais, intensifica a lógica de formação de grupos cujos supostos “inimigos” seriam um risco à estabilidade ou mentalidade do grupo, reforçada pelo narcisismo (Ibid., p. 115-116). A partir desse exemplo e da lógica dentro do Facebook, as autoras se questionam sobre a possibilidade de uma nova socialização e formação das massas dentro das redes sociais sem a necessidade de um líder para impor limites, cuja resposta é negativa, principalmente em um contexto de “*transição de referências*” (Ibid., p. 123) no qual a sensação de desamparo ainda persiste, mesmo sem a necessidade de seguir os mesmos caminhos que a geração passada, tendo mais liberdade de ação, portanto; busca-se, a partir desse desamparo, novos significados e maneiras de agir, encontrando nas massas e, no caso, nos grupos formados dentro do Facebook, essa nova âncora moral a partir da qual o indivíduo baliza a sua vida.

Já Neto (2018) busca olhar para as massas das redes sociais e seu impacto na política a partir da disseminação de *fake news*, cujo afeto mais mobilizado é o ódio e, pela maneira como isso é feito, elimina as possibilidades de reflexão já que exclui a esfera da temporalidade pelo ímpeto do imediato, da necessidade de ação que o ódio desenvolve nos indivíduos. Sendo assim, a democracia é diretamente afetada pois, ao se basear em um “*clima de tolerância*” (Neto, 2018, p. 76) têm as suas bases dilapidadas por essa nova forma de fazer política nas redes sociais, mobilizando certos tipos de afetos que são corrosivos para a sociedade.

Outro uso do conceito de massa, embora bem mais recente, aparece no texto de Christian Dunker (2018), intitulado “*Psicologia das massas digitais e análise do sujeito democrático*”, no qual ele adapta o conceito para a realidade digital dos tempos atuais para, também, tentar entender o processo pelo qual o Brasil e a democracia brasileira passaram entre 2013 e 2018. Entretanto, Dunker acrescenta à noção de massa freudiana o que Lacan produziu a respeito do conceito já que, se para Freud o indivíduo imerso na massa teria a sua capacidade de raciocínio e fala livre comprometidos, para Lacan há o adicional de que em meio a essa dificuldade adquirida ao adentrar a massa, teria também questões de distinção e reconhecimento (Dunker, 2018, p. 126). Com a adição dessa esfera distintiva e após um período de mobilidade social ascendente durante os governos petistas, expansão do uso da internet para mais da metade da população brasileira e de novas lutas de reconhecimento sendo travadas na esfera pública, permite-se notar a

*“tentadora hipótese de remeter decepção e infortúnios ao outro, entendido como subjetividade ilegítima. Surge assim ódio contra aquele que teria roubado uma parte dos meus direitos”* (Ibid., p. 127) permitindo que, através das redes sociais, surja um novo tipo de idealização na política, *“com sua nova economia de identificações”* (Ibid., p. 118), que critica a institucionalidade e permite que cada indivíduo com um celular na mão possa se tornar um herói em potencial a partir da identificação com o líder que se posiciona contra a subjetividade tida como ilegítima, ou seja, agindo como ele nas redes contra aqueles que perderam o reconhecimento enquanto sujeitos e estão manchados com o estigma que retira a sua condição de sujeito, por exemplo, ser favorável ao PT significa ser a favor da corrupção e/ou ser corrupto; entretanto, ao contrário da massa freudiana, a digitalização das relações sociais permite uma ligação entre pessoas distantes espacialmente, tal fato refaz a dinâmica da formação de massas que agora *“prescindem de ideais bem formados e imagens representativas”* (Ibid., p. 121) e que aglutinam pessoas a partir de *“traços de estilo, de apresentação ou de consumos ligados pelo contágio afetivo”* (Ibid., p. 121).

## **5. Estudos etnográficos do bolsonarismo**

O segundo texto utilizado para a análise é um artigo de Isabela Kalil, intitulado *“Quem são e no que acreditam os eleitores de Bolsonaro?”* no qual a autora busca, a partir da pesquisa de campo em diversas manifestações, entender quais são as motivações e pensamentos dos eleitores de Bolsonaro e, a partir disso, desenhar 16 tipos diferentes de eleitores com visões de mundo familiares entre si, porém que não são a mesma coisa, trazendo nessas nuances uma complexidade muitas vezes esquecida.

A coleta de dados foi feita através do acompanhamento das redes sociais, tanto a produção de conteúdo postado, quanto dos eventos organizados pelo WhatsApp; os eventos em questão vão desde manifestações pequenas até os meses de ocupação à frente da FIESP e os eventos durante as eleições de 2018, com aplicação de questionários e entrevistas (que poderiam ser densas ou não) tendo, ao todo, mais de 1000 pessoas ouvidas entre 2016 e 2018. Sendo assim, a pesquisadora notou uma diferenciação dos manifestantes e apoiadores conforme os anos passavam, saindo de um público majoritariamente masculino e de jovens (entre 16 e 34 anos) (KALIL, 2018) para um público bem mais diverso, com atenção

especial para os eventos que, apesar da campanha #EleNão ou talvez até mesmo por causa dela, uma parte do eleitorado feminino começa a apoiar publicamente o então candidato Bolsonaro, demonstrando através disso um dos pontos centrais dessa campanha: as técnicas de microtargeting e profiling, nas quais há uma segmentação do discurso político a partir de perfis específicos, mensagens políticas ou imagens que representam os desejos e o repúdio de cada um desses perfis estabelecidos.

O ponto central, o prisma a partir do qual todos os perfis podem ser conectados de alguma forma é a figura do “cidadão de bem” e sua relação com a corrupção. A autora faz a correlação dessa figura com as manifestações de 2013, nas quais houve, por parte da imprensa, uma tentativa de qualificar a “boa manifestação”, pacífica e ordeira, e a “manifestação de baderneiros”, violentas e depredativas, caracterizada pelos chamados “Black Blocs” à época. A partir dessa distinção estabelecida pela “etiqueta do protesto”, a autora conceitua:

“As variações do conceito de “cidadão de bem” persistiram no tempo e encontraram, especialmente no ano de 2016, um refinamento de sentido na combinação com o discurso anticorrupção. A categoria antes utilizada para denotar um modo de conduta adequado, seja na vida privada seja na vida “cívica”, passou, assim a ser usada para diferenciar formas de protesto (“violentas” ou “pacíficas”) e em seguida para evocar pautas de reivindicação contra (as pessoas de bem) ou a favor da corrupção (os/as bandidas). O “cidadão de bem” passou a designar aquele que, além de ter uma conduta individual “correta” e saber se comportar nas manifestações, se distingue dos “bandidos” (corruptos) ou de quem apoia bandidos. Assim, o “cidadão de bem” refere-se a um conjunto de condutas dos indivíduos na vida privada, a um conjunto de formas específicas de reivindicação política na vida pública e a um conjunto particular de temas e agendas que passaram a ser consideradas como legítimos. É dessa forma que o “cidadão de bem” extrapola as formas de condutas individuais e passa a designar aqueles que não são “comunistas”, “petistas” ou “de esquerda” - vistos como apoiadores da corrupção e “não trabalhadores”. Trata-se de uma noção específica de pessoa e um sentimento de pertencimento à uma forma correta de estar no mundo.” (KALIL, 2018, p. 9)

Porém, é de se levar em consideração que nesse conjunto de pessoas a palavra “corrupção” é polissêmica: a) “os políticos roubam”, configurando assim a visão de corrupção na qual o Estado é inerentemente corrupto através da sua gestão pública, burocracia e governos, gerando como resposta a proposta do

Estado mínimo e a preferência por políticos não profissionais, os outsiders; b) a corrupção moral representada pela “desordem” dos costumes e valores que colocam a ordem familiar em risco, tomando a homossexualidade, vida sexual desregrada e o aborto como seus principais exemplos, o movimento Escola Sem Partido seria justamente a luta contra essa corrupção da juventude pelo Estado, já que este “interfere” em questões que seriam atribuições da família, a saber, educação sexual e orientação ideológica; c) a mistura entre “privilégios e direitos”, cuja crítica se refere às pessoas que “gozam de muitos direitos e não cumprem seus deveres”, aqueles que se beneficiam de programas sociais como o Bolsa Família, ou políticas de ações afirmativas ou às leis de incentivo à cultura.

Sendo assim, a figura do “cidadão de bem” aglutina as várias críticas contra o status quo e desenvolveu por isso um caráter antissistêmico que, pelos anos recentes na política brasileira, se confundiu com os governos petistas, acoplando portanto a estes governos todos os significados de corrupção vistos anteriormente, gerando também uma distinção entre “esquerdistas” e “cidadãos de bem”: estes contra o “avanço do comunismo”, à ideologia de gênero, às ameaças ao Estado de direito e ameaças à liberdade religiosa. A autora ainda ressalta que, apesar da suposta contradição, muitos acreditam lutarem contra o fascismo e um governo autoritário de esquerda, já que a leitura dessas pessoas é a de que o fascismo é uma “ideologia de esquerda”. Estabelecido então o que é o “cidadão de bem” e contra o que e quem ele se posiciona, pode-se a partir dessa categoria expandir para outros tipos ideais de eleitores, ou seja, com mais ou menos elementos além da questão da “corrupção”, como a distinção entre o eleitor “isento”, “religioso” e “mãe”, tipos que serão descritos agora.

O primeiro dos tipos gira em torno das “instituições fortalecidas para o fim da impunidade”, localizando na corrupção e impunidade os maiores problemas do Brasil, referenciando também o “desgoverno petista” e a frase “direitos humanos para humanos direitos”, são homens e mulheres acima dos 35 anos que não acreditam na justiça com as próprias mãos, mas propõe que a Polícia Federal substitua o STF e alguns também clamam a volta da ditadura. O segundo tipo é definido pela “masculinidade viril”, são muito próximos do primeiro tipo, porém seriam eles mesmos aqueles que poriam fim à impunidade, são a favor do porte de armas, enxergam a violência urbana como o maior problema social e são homens entre 20 e 35 anos de idade, de diferentes classes sociais, mas que exibem uma

performatividade masculina viril. O terceiro tipo são os “nerds, hackers, gamers e haters”, podem ou não se combinar com o segundo tipo, com idade entre 16 e 35 anos, mas sua atuação é mais ligada ao mundo online, através de fóruns e jogos online, boicotando produções culturais que abordem questões de raça ou gênero, fazendo campanhas de assédio online contra perfis que aderem às essas questões.

O quarto tipo aglutina militares e ex-militares, tanto das forças armadas, quanto policiais e bombeiros, enxergam na criminalidade o maior problema, com o crescimento do PCC e CV como principais exemplos do descaso dos governos petistas com a segurança pública. O quinto tipo são as femininas e “bolsogatas”: nome que procura se opor ao feminismo, “que problematiza tudo”, buscando afirmar que é possível ter sucesso sem abrir mão da “feminilidade” ou atingir o sucesso por esforço próprio, são contra o aborto, corrupção e violência de gênero. É composto por mulheres independentes financeiramente de classe média, média alta e elites, são jovens entre 20 e 30 anos sem filhos ou com um filho pequeno, com diploma e atuando em diversas profissões. O sexto tipo são as mães de direita, mulheres de 30 a 50 anos, de classe média baixa, com filhos tanto na escola pública quanto privada, mas com predominância na primeira. Afirmam não ter problemas com a orientação sexual, mas sim a forma como a expressa, não são contra a união afetiva dessas pessoas, mas que não deveriam “ensinar” e “mostrar” esses afetos perto de crianças, defendendo a inocência delas contra a “doutrinação da ideologia de gênero” e/ou “marxista” nas escolas.

O sétimo tipo é o homossexual conservador, pessoas com idade entre 20 a 40 anos e de diferentes classes sociais, se combinando com o primeiro tipo na crença de que as pessoas LGBT que sofrem violência, a sofrem por não serem “discretos” ou que não se dão o “respeito”. Sua base comum é “anticorrupção” e extermínio dos bandidos com penas mais rígidas e, por conta desses problemas, as questões LGBT ficariam em segundo plano, além de serem contra o “gay afeminado” e estarem desiludidos com o movimento LGBT e sua atuação. O oitavo tipo é denominado “etnias de direita”, composto por homens e mulheres, negros, indígenas, orientais e imigrantes que reclamam a falta de liberdade na escolha política, já que vem sendo perseguidas por se posicionarem a favor de Bolsonaro, repudiando o “vitimismo” e a fragmentação do país causada pela esquerda. O nono tipo são os estudantes pela liberdade, formado por jovens de 14 a 30 anos de ambos os sexos, cursando ensino médio ou a universidade, tanto públicos, quanto privados. São contrários às cotas

raciais, criticam a “doutrinação comunista” que impede uma educação livre e outros jovens que usam drogas, já que isso seria uma forma de degeneração.

O décimo tipo são os periféricos de direita, composto por pessoas de ambos os sexos que enxergam na violência e impunidade vivenciadas nas periferias, voltando-se primordialmente para a segurança pública portanto, porém também procurando se distinguir de outros periféricos (beneficiados pelo Bolsa Família), que teriam pouca perspectiva crítica da situação do país, além de serem a favor de uma redução do papel do Estado em relação à vida íntima e religiosa, sendo essa a leitura do que seria o Estado mínimo, não uma redução dos serviços públicos de saúde, por exemplo. No décimo primeiro tipo encontram-se os meritocratas, caracterizados por pessoas nas classes média alta e elite, com alto nível de escolarização, como advogados, médicos e empresários. Tomando-se como exemplo do esforço e do mérito, sua principal crítica é contra a corrupção daqueles que teriam “muitos direitos e poucos deveres”, os governos petistas e a sua relação com o Estado, sendo assim economicamente liberais, mas não nos costumes, os problemas relacionados à “ideologia de gênero” são secundários em face da corrupção.

O décimo segundo tipo são os influenciadores digitais, muito próximos dos meritocratas, mas que produzem conteúdo para a internet, sendo muitas vezes convertidos (ex-comunista ou ex-gay), celebridades ou pensadores. Suas maiores repulsas são o comunismo, as ideologias de esquerda ou algum grupo ligado às minorias sociais, procurando “salvar o Brasil” de “virar uma Venezuela”. O décimo terceiro grupo é composto pelo líderes religiosos ou profissões que tenham influência nesse meio, como cantores, influencers, padres e pastores; seu repúdio gira em torno da “ideologia de gênero” e procuram erradicar o “kit gay” das escolas, assim como o feminismo e aborto. No décimo quarto tipo estão os fiéis religiosos, evangélicos, católicos, espíritas, entre outros, que balizam sua vida política na religião e vêem a dilapidação da família tradicional como o principal problema, enxergando nos governos petistas o motivo para isso, com o “kit gay” e a “ideologia de gênero” a favor de uma “ditadura gayzista”.

O décimo quinto tipo são os monarquistas centrados na figura de Luiz Philippe de Orleans e Bragança, visto como “príncipe” e uma figura importante para a constituição de um passado glorioso para o Brasil, tanto pela monarquia, quanto pelos militares. Repudiam todas as ideologias de esquerda e a Teologia da

Libertação, além de ter como solução para o país a restauração da monarquia. O décimo sexto e último grupo é composto pelos isentos, pessoas que afirmam que “política não se discute”, não vendo em Bolsonaro a resolução dos problemas, mas que uma mudança é necessária, a partir de um forte sentimento antipetista, anticorrupção e/ou antissistêmico; enxergam no PT a origem da polarização no país, além dos casos de corrupção que seriam o motivo da crise econômica.

Descritos todos os tipos de eleitores, basta-nos agora procurar a fonte de certas afirmações feitas por parte desses eleitores que, em uma análise mais rigorosa, seriam vistas como contraditórias ou conspiratórias presentes no próximo texto a ser analisado.

No livro escrito por João Cezar de Castro Rocha no ano de 2020, intitulado “*Guerra cultural e retórica do ódio*” o autor busca refazer o caminho que levou a extrema-direita brasileira até o Planalto, principalmente ao se questionar como um deputado do dito “baixo clero” conseguiu galgar à posição de maior importância na política brasileira. É através desse percurso feito pelo autor que podemos entender certas visões de mundo anteriormente referidas como contraditórias e/ou conspiratórias; baseando-se metodologicamente no que ele chama de “etnografia textual”, na qual permite que a produção cultural (livros, documentários, vídeos, etc.) desse espectro político revele seus objetivos, sua visão de mundo e o que enxerga como problema, além de trabalhar com a hipótese de que, a partir da retórica do ódio, o bolsonarismo se lançou à Presidência, porém com altos custos para a população brasileira na questão da verdade factual, ou seja, através da retórica do ódio e das mídias digitais, uma realidade paralela é construída, na qual existem inimigos escondidos e prontos para atacar todos os valores tidos como sagrados, a saber, a família, a religião e a liberdade individual.

O autor argumenta que não foi o bolsonarismo que reavivou a direita, mas sim uma articulação de alguns atores ainda na década de 80, principalmente Olavo de Carvalho, que criaram as condições para que o bolsonarismo tivesse apoio na década de 2010; articulação essa que foi separada em quatro pontos:

“1) a ação inicialmente positiva de Olavo de Carvalho na década de 1990, ampliando o repertório bibliográfico e fortalecendo a musculatura da direita por meio de polêmicas estratégicas contra ícones da esquerda; 2) uma fissura geracional que escapou aos cálculos da esquerda, em geral, e do Partido dos Trabalhadores, em particular. As quatro eleições presidenciais

vencidas, legitimamente vencidas pelo PT, possibilitaram a associação automática, embora inédita, entre establishment, sistema político e campo da esquerda; daí pela primeira vez na história republicana brasileira, foi possível considerar-se de oposição por ser de direita; 3) o conflito geracional foi agravado pela difusão da tecnologia digital e sua apropriação criativa e irreverente por uma crescente juventude de direita, cuja presença nas redes sociais materializou-se nas multitudinárias manifestações a favor do impeachment da presidente Dilma Rousseff; 4) por fim, a partir de 2013, no princípio muito timidamente, porém já de forma ostensiva em 2015, a direita começou a disputar as ruas com o campo da esquerda, num desdobramento surpreendente para qualquer analista, pois as ruas pareciam propriedade simbólica dos que estavam à margem do poder, ou seja, antes do triunfo eleitoral do PT, a própria esquerda.” (Rocha, 2021, p. 39-40)

Porém, ressalta o autor, os 2 primeiros fatores são os mais importantes e decisivos para a eleição de Bolsonaro.

Sobre o primeiro fator, o autor caracteriza o que é o chamado “sistemas de crenças Olavo de Carvalho”, sua base é originada ainda na década de 80, articulado inicialmente na caserna e que depois espraiou-se para a sociedade civil baseado no documento “Orvil”; este documento cujo nome é a palavra livro ao contrário, trata da versão dos militares sobre o que foi a ditadura militar e o motivo de suas ações em contraposição ao livro “Brasil nunca mais”, no qual haviam sido registradas os métodos de tortura utilizados na ditadura. O Orvil é uma tentativa dos militares de criar uma nova versão dos fatos ocorridos durante a ditadura, marcado pela retórica anticomunista da Guerra Fria; a derrota da Guerrilha do Araguaia em 1974 e o ensaio de Schwarcz no qual ele afirma termos no Brasil uma “*relativa hegemonia cultural da esquerda*” (Schwarcz, 1978, p. 61-62) apesar da ditadura ainda vigente à época, são os fatos que alimentam a base do entendimento orviliano e olavista de que a esquerda abandonou a luta armada e passou a lutar uma guerra cultural, cujo cerne é a tomada de corações e mentes através da doutrinação comunista nas universidades (Rocha, 2021, p. 254-267). É a partir desse entendimento que há o suposto aparelhamento do Estado por parte da esquerda: após saírem das universidades públicas já doutrinados pelos professores comunistas, o próximo passo da esquerda seria a tomada do Estado por dentro. Termos como “Foro de São Paulo”, “marxismo cultural”, “ideologia de gênero”, “esquerdismo”, “globalismo”, os ataques à universidade pública, em geral, e a Paulo Freire, em particular, são todos

originários e/ou influenciados pelo “sistema de crenças Olavo de Carvalho” mencionado anteriormente: um sistema que é a mescla da versão militar sobre o que foi a ditadura materializada no Orvil e o papel de disseminar e amplificar essa versão por Olavo em seus cursos de filosofia online, que duraram mais de uma década. Sua influência pode ser vista nas mais variadas produções culturais: livros, documentários, vídeos no Youtube, etc., mas 2 dessas produções que merecem destaque são o subgênero musical “Olavo tem razão”, abarcando músicas de rap, gospel e rock, por exemplo, tratando de temas sobre os quais Olavo fala e o “Brasil Paralelo”, produtora focada em documentários sobre a história do Brasil recontando-a, à luz do sistema de crenças Olavo de Carvalho; segue um exemplo de música para ilustrar não só o conteúdo, mas também a lógica por trás desse sistema de crenças:

“MEC manipula livros, porque a verdade dói  
Meu livro na 8 série, José Dirceu era herói  
Quem mais pode te ensinar do que alguém que esteve lá?  
Olavo de Carvalho... Ele pode te explicar!”<sup>12</sup>

A partir do exemplo que a música traz, nota-se:

“(...) a expressão acabada da ideia de doutrinação; eixo articulador da mentalidade bélica bolsonarista, que legitima para seus seguidores a sistemática destruição das instituições públicas de ensino e de pesquisa, pois, em tese, todas teriam sido aparelhadas precisamente para levar adiante a doutrinação que, no entanto, deveria ter sido demonstrada. A prova, contudo, é transferida para o “óbvio” aparelhamento. (...) E se for necessário apresentar evidências do alegado aparelhamento, basta remeter à “inegável” doutrinação - e vice-versa, claro está. O ponto é decisivo: a supressão de mediações define tanto a técnica oratória olavista quanto a pulsão autoritária bolsonarista; nos dois casos, a eliminação de mediações inviabiliza o diálogo, exigindo antes adesão absoluta e, por isso, necessariamente acrítica.” (Rocha, 2021, p. 61)

Trazendo um último exemplo de música que pode iluminar algumas das afirmações vistas na última seção deste trabalho:

“Ler Carta Capital  
gostar de marginal  
é pré-requisito

---

<sup>12</sup> O VISITANTE, Luiz. O velho Olavo tem razão! Youtube, 12 de setembro de 2016. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=nCQowNfA\\_1g&ab\\_channel=Luiz%2CoVisitante](https://www.youtube.com/watch?v=nCQowNfA_1g&ab_channel=Luiz%2CoVisitante)>. Acesso em 16 de jul. de 2023.

pra ser intelectual”<sup>13</sup>

Nota-se, portanto, como o anti-intelectualismo também é um traço importante para esse sistema que, somando-se à diminuição das pessoas através de apelidos, a desqualificação e desumanização constante, como chamar Dilma de anta, ou os inúmeros apelidos dados a Lula, têm-se uma lógica bélica na qual o inimigo é diminuído a ponto de não merecer ser ouvido e respeitado, a única forma de lidar com isso é a sua eliminação: “*vamo fuzilar a petralhada*”<sup>14</sup>, frase já famosa daquele que viria a se tornar o Presidente no bojo desse processo descrito até agora; a retórica do ódio, portanto, pauta a maneira pela qual as pessoas interagem com aqueles que são tidos como inimigos, o que muitas vezes podem ter sido aliados recentes, a exemplo de Sérgio Moro tido como comunista<sup>15</sup> após seu racha com o então Presidente Bolsonaro.

Caracterizado o sistema de crenças Olavo de Carvalho, a retórica do ódio e o papel de seu precursor ideológico, é necessário que façamos a conexão entre esses pontos e Bolsonaro, afinal, o que fez com que um “mau militar” se tornasse o representante dos militares? Para o autor, o ativismo digital e ativismo judicial são fatores de suma importância para entender esse processo e, embora anteriores à Bolsonaro, este por sua vez soube se posicionar muito bem para aproveitá-los. Começando pelo ativismo digital, toma-se como ponto de partida as Manifestações de Junho de 2013, nas quais houveram uma pluralidade de demandas, com mais de 1 milhão de pessoas nas ruas e nenhuma centralização organizacional para a escolha dessas pautas, na verdade foi o contrário: qualquer bandeira política era rechaçada, as manifestações buscavam justamente esse afastamento, caracterizando seu posicionamento antissistêmico e a crítica ao estado de coisas à época, assim como a figura do político profissional; tudo isso feito pela internet, caracterizando o que o autor chama de “massas digitais”, já que elas:

“(...) não precisam esperar o sistema para sua inclusão: sua ação é direta e sua lei é o ativismo; ademais, sua fragmentação torna muito difícil, se não

---

<sup>13</sup> REAC, Banda. Olavo tem razão. Youtube: 16 de jul. de 2018. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=p-22\\_WSZ5To&ab\\_channel=JairBolsonaro](https://www.youtube.com/watch?v=p-22_WSZ5To&ab_channel=JairBolsonaro)> Acesso em 16 de jul. de 2023.

<sup>14</sup> PODER 360. No Acre, Bolsonaro fala em “fuzilar a petralhada” e enviá-los à Venezuela. Youtube: 3 de setembro de 2018. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=p0eMLhCcbYQ&ab\\_channel=Poder360](https://www.youtube.com/watch?v=p0eMLhCcbYQ&ab_channel=Poder360)> Acesso em 16 de jul. de 2023.

<sup>15</sup> UOL. Ricardo Salles diz que Sergio Moro é 'comunista'; 'É um comando de guerra política', avalia Sakamoto. Youtube: 24 de nov. de 2021. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=-Z9iqjY1Fwk&ab\\_channel=UOL](https://www.youtube.com/watch?v=-Z9iqjY1Fwk&ab_channel=UOL)>. Acesso em 16 de jul. de 2023.

inviável sua convocação a partir de um centro único de irradiação.” (Rocha, 2021, p. 310)

Complementando-se a isso:

“A guerra cultural e a retórica do ódio visam a dar um objetivo aos movimentos de grandíssima escala das massas, pois a identificação de um inimigo comum automaticamente concentra as forças que antes se encontravam dispersas e caóticas” (Ibid., p. 308)

A partir dessa independência organizacional e o sentimento antissistêmico, durante as manifestações, notam-se cartazes contrários à PEC 37, exigindo a sua revogação; seu conteúdo versava sobre a exclusividade de investigação dada às Polícias e, se fosse aprovada, a “*Operação Lava Jato jamais teria sido possível*” (Ibid., p. 311), desembocando no chamado ativismo judicial. O autor aqui qualifica esse ativismo como a aliança entre os meios de comunicação e juristas para, através da disseminação sobre os casos julgados, convencer a opinião pública e dar transparência ao processo, com o fim de melhorar o funcionamento da democracia a partir dessa aliança; a justificativa para isso é a chamada “corrupção sistêmica”, a exemplo das concessões de rádio e TV, prerrogativas dos poderes Legislativo e Executivo, que por sua vez são muitas vezes os próprios requerentes dessas concessões (Ibid., 312-316). Com isso, Dallagnol afirma:

“No tocante aos níveis de corrupção, a Lava Jato trata um tumor, mas o problema é que o sistema é cancerígeno. Se nós queremos mudar o sistema, precisamos ir além da Lava Jato para que tenhamos instituições e uma legislação saudável, desfavorável à corrupção e favorável à Justiça. Por isso nós do MPF pensamos e gestamos dez medidas de combate à corrupção” (Rocha, 2021, p. 316 apud Ministério Público Federal)

É digno de nota a escolha das palavras utilizadas no trecho anterior que, somando-se ao sentimento antissistêmico e a reverberação dos casos judiciais na TV, dá à corrupção um caráter central e que ganha proporções cada vez maiores no imaginário social.

Preparadas as condições que favorecem a entrada de novos atores em cena, é aqui que Bolsonaro aparece como aquele que melhor soube aproveitar os novos ventos. Tido como um mau militar, volta a dialogar com os militares após o estabelecimento da Comissão Nacional da Verdade (CNV) em 2012, vista como uma afronta direta à Lei de Anistia pelos militares, que muitas vezes resistiam às solicitações da Comissão; entretanto Bolsonaro, ainda deputado, se destacou como

a voz contrária à CNV na Câmara dos Deputados, ganhando então não só a simpatia dos militares, como desenhando uma possível aliança contra um inimigo em comum: o PT. Após sua aliança com os generais, Bolsonaro se lança como pré-candidato à presidência em 2014 pelo PP, que não foi levado a sério nem mesmo por seus colegas de partido, mas com a intenção de fazer seu nome ser conhecido nacionalmente e não só no Rio de Janeiro, onde já era um conhecido por defender o nicho militar e policial; além disso, candidata-se para a presidência da Comissão Nacional de Direitos Humanos e Minorias, que também falhou. O que muda de fato o patamar de seu reconhecimento em nível nacional é a incorporação em seus discursos da chamada “ideologia de gênero”, denunciando insistentemente o “kit gay”, aliando então a mentalidade orviliana com a “ideologia de gênero”, resultando na campanha de maior sucesso até então como o deputado mais bem votado no Rio de Janeiro, nas palavras do autor:

“A alquimia que transmudou milhares de votos em milhões de eleitores e, sobretudo, em massas digitais próximas ao fanatismo provavelmente não teria sido possível sem a adesão do eleitorado evangélico, em que pese sua pluralidade. Aqui, a ideologia de gênero é entendida como parte de um plano mais amplo de destruição de valores tradicionais da civilização ocidental judaico-cristã. Claro: trata-se do marxismo cultural, uma teoria tão fantasiosa quanto a noção de ideologia de gênero, e é compreensível que uma fortaleza a outra.” (Ibid., p. 327)

Voltando nossa atenção agora para o eleitorado evangélico e o livro que expõe as ambições de seus líderes, *Plano de poder. Deus, os cristãos e a política*, o autor chama a atenção para a ênfase no Antigo Testamento, característico da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), no qual a referência para a tomada de poder não é Jesus, mas sim Davi e Salomão, caracterizando a Teologia do Domínio:

“(…) onda crescente em algumas denominações neopentecostais, possui em sua estrutura de pensamento uma militarização que supõe afinidades eletivas com os códigos rígidos da Doutrina de Segurança Nacional, com destaque para sua expressão mais violenta, a Lei de Segurança Nacional de 1969. (...) A militarização definidora da Teologia do Domínio alcança o cotidiano dos fiéis, forjando uma convicção agônica da existência que, mais uma vez, aproxima de forma não planejada, e por isso mesmo ainda mais potente, bolsonarismo e neopentecostalismo.” (Ibid., 336-337)

É com essa simbiose que o pastor Silas Malafaia unge o então candidato Bolsonaro através de uma oração, protegido por Deus da facada que recebeu,

assim como escolhido por Ele para presidir a nação, oração esta que influencia todos aqueles que a assistem (Ibid., p. 340).

## 6. Conclusão

Voltando aos propósitos deste trabalho, em que tomamos como ponto final do processo descrito até agora o ataque ao Palácio do Planalto no dia 08/01/2023, no qual mais de 1000 bolsonaristas participaram, vandalizando o STF, Congresso e o Planalto, respectivamente organizados aqui de acordo com o valor dos danos sofridos<sup>16</sup>, assim como houve displicência e apoio passivo dos policiais que deveriam impedir a depredação<sup>17</sup>. Ora, como foi possível um ataque desses? O que levou as pessoas a saírem de suas casas para isso? O que motiva os policiais a não fazerem o seu trabalho de maneira tão aberta? O que legitima todas essas ações?

Como vimos no capítulo 4, o indivíduo que faz parte de uma massa comete atos que talvez não o faria se estivesse isolado, ainda mais pensando em como a religião é um traço importante para muitos desses indivíduos, no sentido de que talvez sejam pessoas muito pacíficas fora desse contexto; entretanto, como vimos já no capítulo 6, um dos trunfos do bolsonarismo foi seu uso pioneiro das redes sociais na política brasileira, veiculando para milhões de pessoas todos os dias fragmentos do “sistema de crenças Olavo de Carvalho” através do WhatsApp, Telegram e Youtube com imagens, memes, vídeos, entre outras produções, trazendo imagens e afirmações simples, porém pintando para aqueles que recebem, um quadro apocalíptico da suposta atuação dos “esquerdistas”, se aproveitando do sentimento antissistêmico e do fato de que o PT tinha se tornado parte do establishment, transformando uma necessidade orgânica da sociedade brasileira em uma revolta direcionada contra um inimigo, dando àquela crítica um rosto, um corpo contra o qual o ódio, a repulsa e a frustração poderiam se manifestar “legitimamente”. Como vimos no capítulo 5, o eleitorado é demasiadamente diverso, entretanto é notório o papel que o ativismo judicial teve na percepção sobre a corrupção, como demonstra

---

<sup>16</sup> STF, Planalto e Congresso têm prejuízo de pelo menos R\$20 milhões com 8/1. Folha de São Paulo, São Paulo, 4 de jul. de 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/07/stf-planalto-e-congresso-tem-prejuizo-de-pelo-menos-20-milhoes-com-81.shtml>>. Acesso em 17 de jul. de 2023.

<sup>17</sup> Invasão do Congresso, Planalto e STF: veja comparação com o ataque ao Capitólio nos EUA. O Globo, 8 de janeiro de 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/01/08/invasao-do-congresso-planalto-e-stf-veja-comparacao-com-a-invasao-do-capitolio-nos-eua.ghtml>> Acesso em 28 de jul. de 2023.

uma pesquisa do DataFolha de 2015<sup>18</sup> em comparação com uma outra de 2013<sup>19</sup>: nesta última, a pesquisa demonstra como os brasileiros, de forma geral, estavam otimistas com a economia e a palavra “corrupção” não aparece na pesquisa, além do governo ser bem avaliado por 65% das pessoas, já em 2015 a situação se inverte completamente com 62% das pessoas defendendo a renúncia da então Presidente e 34% enxergando na corrupção, pela primeira vez, como o maior problema do país. Tal mudança não é trivial, nota-se, portanto, o impacto que a Lava Jato teve sobre a percepção da população com relação à política e é com essa mudança drástica que o bombardeamento de *fake news* com imagens simplificadoras torna-se perigoso: como também vimos no capítulo 5, o termo “corrupção” é polissêmico, mas ainda assim, todas as versões possíveis do que ela seria tem como figura final, o perpetrador, a causa dela, o Partido dos Trabalhadores, em particular, e a esquerda, em geral, pois estes foram vistos como o establishment à época, parte do “sistema”; o papel que o “sistema de crenças Olavo de Carvalho” teve foi justamente aprofundar essa visão de mundo legada pela Lava Jato, utilizando-se do ativismo digital, mostrando e explicando àqueles que recebiam as inúmeras imagens e memes pelas redes sociais porque o casamento gay foi aprovado, por exemplo, ou seja, trazendo uma explicação, à maneira olavista, dos fatos recentes da política brasileira, mostrar como o suposto plano maquiavélico da esquerda de acabar com a família estava avançando, assim como trazer o salvador e combatente de “*tudo o que tá aí*”. Portanto, a dicotomia estava montada: o “cidadão de bem” que é contrário à corrupção deve escolher seu lado e, se o fizer erroneamente, não necessariamente se posicionando a favor da esquerda ou PT, apenas por questionar o bolsonarismo, será estigmatizado como “defensor de bandido” e rechaçado por aqueles que fazem parte do grupo, sendo chamado de comunista e com isso, como vimos anteriormente, sai da categoria de “humano” para “inimigo”.

Voltemos a Freud então para respondermos a pergunta que orienta este trabalho: o bolsonarismo pode ser visto como uma massa no sentido freudiano?

---

<sup>18</sup> DATAFOLHA. Avaliação da presidente Dilma Rousseff. Instituto de Pesquisa Datafolha., Opinião Pública, dossiês. São Paulo, novembro de 2015. Disponível em: <[http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2015/11/30/avaliacao\\_dilma.pdf](http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2015/11/30/avaliacao_dilma.pdf)>. Acesso em 28 de jul. de 2023.

<sup>19</sup> DATAFOLHA. Avaliação da presidente Dilma Rousseff. Instituto de Pesquisa Datafolha., Opinião Pública, dossiês. São Paulo, março de 2013. Disponível em: <[http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2013/05/02/avaliacao\\_presidente\\_dilma\\_20130324.pdf](http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2013/05/02/avaliacao_presidente_dilma_20130324.pdf)> Acesso em 28 de jul. de 2023.

Sim, porém com ressalvas. Seu eleitorado foi muito diverso e muitos daqueles que fizeram parte do movimento o fizeram por um momento, além de não fazer parte do núcleo duro que participaria, por exemplo, da invasão do Planalto, assim como mudaram de opinião durante seu mandato, por terem sido influenciados em sua campanha online, atribuindo à esquerda toda a carga negativa comum ao “sistema de crenças olavista”, mas que conforme alguns fatos vieram à tona, foram mudando de opinião, como a suspeição de Sérgio Moro e a cassação de Dallagnol. O que iremos tratar como massa bolsonarista, portanto, é justamente o grupo de pessoas que invadiu o Planalto, ou o teria feito se pudesse.

Com base no capítulo 4, as pessoas do núcleo duro se identificaram com Bolsonaro, colocando-o no lugar de seu Ideal do Eu, enxergando-o como o “mito” ou o “messias” por 1) enxergar a corrupção estatal como um mal maior, ou por ver no PT a materialização do mal que o comunismo e marxismo cultural encarnam; 2) por ser contra a suposta educação sexual que perverte as crianças, contra certas orientações sexuais e vê-las como o declínio moral da sociedade, destruindo a família brasileira e a Nação, falando abertamente sobre isso contrariando o “politicamente correto”; ou 3) reconhecendo-se nas afirmações violentas e demonstrações de força e vitalidade, como a fala do “imbrochável” e/ou fuzilar a petralhada, já mencionado anteriormente; 4) ou até mesmo em sua suposta humildade comendo na rua, assinando documentos com uma caneta bic, etc.; 5) seu esforço sobrehumano pelo bem do Brasil, o quanto ele se doa ao projeto de um país cristão mesmo após o atentado da facada; todos esses pontos formam uma conduta moral positiva através da qual as pessoas irão se identificar e, a partir do pânico moral criado pelas *fake news*, ver nele não apenas uma boa pessoa, mas também aquele capaz de liderar, em um momento crítico do país (afinal o comunismo irá acabar com a família), a cruzada contra o mal encarnado na esquerda brasileira, tida como a inimiga. As motocicletas e o cercadinho seriam exemplos de eventos nos quais os seguidores de Bolsonaro, irmãos unidos no amor ao seu líder ungido, poderiam ter contato com ele e todos aqueles que viessem a questionar o líder, no caso do cercadinho, seriam rechaçados e atacados sem dúvida, afinal a “extrema imprensa” também foi aparelhada pela esquerda e busca, com suas reportagens, enganar o povo e colocá-lo contra o Messias, interrompendo o tempo precioso que o líder cuidadoso dispõe para dar atenção aos seus seguidores.

O caso de Sérgio Moro nos parece caricato para a demonstração da lógica grupal que estabelece o “nós” e “eles”, mesmo que em seu passado recente tenha sido fundamental na prisão de Lula e o combate à corrupção na Lava Jato, ambas questões de suma importância para esse grupo, muitos indivíduos do núcleo duro o chamaram de comunista e atacaram suas redes sociais, mesmo que talvez muitos dos perfis fossem falsos, como apurou a CPMI das Fake News<sup>20</sup>, a prática têm como objetivo o engajamento das pessoas que pensam da mesma maneira, mas que ainda não se manifestaram, criar uma visão de que a massa é maior e ativa, aumentando a coesão do grupo a partir da sua união contra um novo “inimigo”; o fato desse inimigo ter o passado que tem, não entra em questão, como vimos também no capítulo 4, a massa é acrítica, seus indivíduos rebaixam as suas capacidades críticas para se adequar a ela, não se opor ao grupo e, para movimentá-la, basta evocar as imagens já estabelecidas e conhecidas da massa para enfurecê-la, como tratar uma figura como Moro nos mesmos termos que os “inimigos históricos” do grupo, não há meio termo.

Por último, a invasão do Planalto agora pode nos parecer mais “plausível”, seus indivíduos viram na derrota de Bolsonaro a volta do comunismo, o fim da família brasileira, a corrupção voltando e tomando conta, sendo que muitos deles trabalham toda a vida para não ter acesso ao que os corruptos tem, tudo aquilo contra o qual se posicionaram durante anos, baseados em uma realidade distorcida, vai voltar: o ressentimento e o ódio cultivados por um tempo longo explodem com as novas evidências, a derrota daquilo que enxergam como correto se torna insuportável e amedrontador, não à toa surgem os inúmeros vídeos relatando como alguns bolsonaristas reagiram à derrota<sup>2122</sup> das maneiras mais variadas, demonstrando como, nas palavras de Freud, configuram a volta da atividade anímica primitiva: a massa não aceita esperar, precisa ter aquilo que quer o quanto

---

<sup>20</sup> Presidente da CPI das Fake News propõe pedir ao Facebook dados sobre contas removidas. O Globo, Brasília, 9 de jul. de 2020. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/07/09/presidente-da-cpi-das-fake-news-propoe-pedir-ao-facebook-dados-sobre-contas-removidas.ghtml>>. Acesso em 28 de jul. de 2023.

<sup>21</sup> MADERADA BRASIL. Mulher bolsonarista se desespera com a derrota do Bolsonaro. Youtube: 4 de nov. de 2022. Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=XcMmeyMv3cY&ab\\_channel=MADERADABRASIL](https://www.youtube.com/watch?v=XcMmeyMv3cY&ab_channel=MADERADABRASIL)>. Acesso em 28 de jul. de 2023.

<sup>22</sup> CARTA CAPITAL. As melhores (e piores) reações dos bolsonaristas à vitória de Lula. Youtube: 3 de nov. de 2023. Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=eR7CvpYoFOM&ab\\_channel=CartaCapital](https://www.youtube.com/watch?v=eR7CvpYoFOM&ab_channel=CartaCapital)>. Acesso em 28 de jul. de 2023.

antes e, nesse estado de emoções exacerbadas somada à frustração, ódio e repulsa, agem de maneira violenta se comportando como a horda sobre a qual falava Freud. Sendo assim, todas as características da massa descritas por Le Bon e Freud, assim como a forma através da qual elas se formam, podem ser observadas neste núcleo duro do bolsonarismo.

## 7. Bibliografia

DUNKER, Christian. Psicologia das massas digitais e análise do sujeito democrático. In: DUNKER, Christian. et al. Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Psicologia de massas e análise do Eu. In: IANNINI, Gilson (org.). Cultura, Sociedade, Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

KALIL, Isabela. "Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro". Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Outubro, 2018. Disponível em:

<<https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.pdf>>. Acesso em: 28 de jul. de 2023.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

NETO, José Martins Canelas. Psicanálise, formação de massa e democracia. Ide, São Paulo, vol. 40, no. 66, p. 75-79, jul.-dez., 2018. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-31062018000200008&script=sci\\_arctext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-31062018000200008&script=sci_arctext)>. Acesso em: 16 de ago. de 2023.

Queiroga et al. Uma breve reflexão sobre a formação das massas nas redes sociais e a busca por um novo ideal do eu. Jornal de Psicanálise, São Paulo, vol. 49, no. 91, p. 111-126, dez., 2016. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-58352016000200011&script=sci\\_arctext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-58352016000200011&script=sci_arctext)>. Acesso em: 16 de ago. de 2023.

REICH, Wilhelm. Psicologia de massas do fascismo. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2015.

ROCHA, João Cezar de Castro. Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SHIMIZU, Bruno. Solidariedade e gregarismo nas facções criminosas: um estudo criminológico à luz da psicologia das massas. Tese (Mestrado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 228. 2011.